

OPINIÃO

O mundo (des)centralizado: IA, yuan digital e a nova ordem econômica que já começou

Cristovão Wanderley (*)

Quando as regras do jogo mudam silenciosamente, só percebe quem está atento ao tabuleiro.

Em meio à maior reconfiguração tecnológica das últimas décadas, a inteligência artificial generativa deixou de ser promessa para se tornar motor de uma transformação profunda: não apenas na forma como produzimos e consumimos, mas na própria estrutura de poder global. Seu impacto, veloz e sistêmico, já começa a redesenhar não só o mercado de trabalho e a produção de conteúdo, mas também os alicerces da economia e da geopolítica internacional.

Reduzir a IA a uma ferramenta de automação ou a um recurso exclusivo das big techs é um erro de leitura. Trata-se de uma força transversal, capaz de acelerar ciclos econômicos, deslocar centros de poder e alterar a lógica de geração de valor em escala global. É nesse vácuo de antigas certezas que um novo movimento ganha corpo: a descentralização econômica global com o yuan digital se posicionando como um dos protagonistas dessa mudança.

Nos últimos dois anos, assistimos a uma movimentação antes inimaginável: países da Ásia e do Oriente Médio passaram a utilizar o yuan digital (a moeda digital soberana da China) em suas transações comerciais. Isso significa que parte significativa do comércio internacional já pode prescindir do sistema SWIFT e do dólar como moeda intermediária. É um rearranjo de proporções históricas, com implicações diretas para o equilíbrio global de poder.

Essa transformação, no entanto, não surgiu do nada. O processo ganhou força especialmente a partir de 2022 devido ao desdobramento de tensões geopolíticas crescentes, especialmente entre Estados Unidos e China. A imposição de sanções norte-americanas a empresas chinesas de tecnologia e à exportação de semicondutores avançados (envolvendo companhias como ASML, da Holanda, e TSMC, de Taiwan) desencadeou uma resposta estratégica de Pequim: fortalecer sua própria cadeia produtiva e reduzir sua dependência do Ocidente.

Em tempo recorde, a China avançou na produção de chips nacionais, sinalizando ao mundo sua capacidade de operar de forma autônoma nos setores mais críticos da inovação. Esse movimento pela soberania tecnológica reverberou também no campo financeiro. O yuan digital, portanto, não é apenas uma inovação monetária: é uma peça geopolítica desenhada para reduzir a influência dos EUA sobre as transações globais e promover uma nova lógica de interdependência.

Como num efeito dominó, esse realinhamento impacta cadeias produtivas, alianças internacionais e o próprio conceito de globalização. A expansão dos BRICS, que hoje representam cerca de 25% do PIB mundial, é um indicativo dessa mudança. Paralelamente, as nações do sudeste asiático (ASEAN), somadas a economias estratégicas do Oriente Médio, já respondem por mais de 35% do comércio mundial e caminham para

consolidar sistemas de pagamento baseados em moedas locais, fora da órbita do dólar.

A pergunta que se impõe não é mais se o mundo será multipolar, mas como essa multipolaridade se manifestará e quais serão as suas regras. Em um cenário onde velhos aliados já não oferecem garantias de estabilidade, empresas e governos precisam rever seus mapas de risco e suas estratégias de posicionamento global.

Ainda não existem respostas definitivas. O que se vê, por enquanto, é um mundo em transição, com potências tentando se adaptar e nem sempre com sucesso. Nos Estados Unidos, o aumento das tarifas, a escassez de componentes e a perda de competitividade em determinados setores já provocam desemprego, inflação e queda na confiança do consumidor. Internamente, a falta de uma regulação clara para a inteligência artificial pode aprofundar desigualdades e ampliar ainda mais a distância entre países em desenvolvimento e economias líderes.

Esse é o pano de fundo de uma sensação que se espalha por diversas sociedades: a de que os ricos estão ficando ainda mais ricos, enquanto os mais pobres enfrentam crescentes dificuldades para manter seu padrão de vida.

Trata-se do início de uma nova ordem econômico-tecnológica, cujos contornos ainda estão sendo definidos em tempo real.

Vale lembrar que esse é um jogo geopolítico intenso e dinâmico. As informações mudam a cada semana e decisões estratégicas são constantemente revistas. Isso reforça a importância de acompanhar os desdobramentos com senso crítico e visão de longo prazo.

O que já se pode afirmar é que a supremacia do dólar, o domínio das big techs ocidentais e a centralização das cadeias de suprimento estão sendo colocados à prova e talvez, reconfigurados de forma permanente. A transformação em curso não diz respeito apenas a moedas digitais, chips ou tratados comerciais. Está em jogo uma redistribuição de poder, influência e autonomia em um mundo que já não aceita mais jogar com regras impostas por uma única potência.

A inteligência artificial está acelerando esse processo, desestabilizando estruturas cristalizadas e expondo vulnerabilidades sistêmicas. Em vez de resistir, o momento exige adaptação, leitura estratégica e ousadia. O novo jogo global não será vencido pela força bruta, mas pela capacidade de antecipar movimentos e de decifrar sinais emergentes.

Empresas, governos e líderes que ainda operam com a mentalidade do século passado correm o risco de se tornarem irrelevantes. A descentralização não é uma hipótese futura, ela já começou. E os próximos capítulos dessa história não serão escritos por quem grita mais alto, mas por quem entende com mais clareza o espírito do tempo. E o tempo, aliás, está correndo.

(*) CTO e sócio-diretor da Stratlab, especialista em tecnologia e dados e participante do programa LinkedIn Creators.

Open AI diz que o ChatGPT consome pouca energia e água

Há muita preocupação acerca da grande quantidade de energia elétrica necessária ao processamento dos atuais modelos de inteligência artificial.

Vivaldo José Breternitz (*)

Sam Altman, CEO da OpenAI, empresa responsável pelo desenvolvimento do ChatGPT, talvez o mais popular chatbot de inteligência artificial, falou sobre o assunto em seu blog, procurando diminuir essa preocupação.

Segundo Altman, responder a uma pergunta feita ao ChatGPT consome, em média, a mesma quantidade de energia usada por um forno doméstico ligado por pouco mais de um segundo e o equivalente a cerca de um décimo de uma colher de chá para refrigeração dos computadores onde é processado o chatbot.

Na publicação, Altman traçou uma visão de futuro para a OpenAI e para o setor de IA como um todo, reacendendo o debate sobre a pegada ambiental da tecnologia. Segundo ele, os benefícios trazidos pela inteligência artificial — em áreas que vão da ciência pura à medicina — já superam os riscos, e o consumo de energia e água é menor do que se imagina.

Altman prevê ainda que, ao longo da próxima década, a oferta de energia crescerá radicalmente em função da mobilização de outras gigantes do setor: o Google, por exemplo, estuda utilizar energia de pequenos reatores nucleares modulares, enquanto a Microsoft já está investindo em usinas nucleares para alimentar seus data centers.

Além disso, o uso dos chatbots pode ser racionalizado: em postagens no X (ex-Twitter), Altman comentou que usar expressões corteses como “por favor” e “obrigado” aos nos comunicarmos com esses sistemas pode aumentar substancialmente o consumo de eletricidade, em valores estimados em “dezenas de milhões de dólares” por ano, devido ao processamento adicional necessário.



“A inteligência artificial trará inúmeros benefícios ao mundo”, afirma Altman no texto. “Com maior produtividade e aceleração do progresso científico, o futuro pode ser muito melhor do que o presente. Afinal, o avanço científico é o principal motor de todo progresso.”

Esperemos que Altman tenha razão...

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnit@gmail.com.

WhatsApp Business ou WhatsApp API: qual é a melhor opção para a sua empresa?

Com 147 milhões de usuários, o WhatsApp já faz parte da rotina de 99% dos brasileiros conectados, segundo dados do Statista. O país ocupa o segundo lugar no ranking global de contas registradas no app, atrás apenas da Índia. A popularidade é tanta que, de acordo com a Opinion Box, nove em cada dez usuários abrem o aplicativo pelo menos uma vez por dia, e 36% deles mantêm o WhatsApp ativo durante todo o dia.

Diante desse cenário, empresas de todos os tamanhos têm investido na ferramenta como canal de comunicação direta com os consumidores. No entanto, para negócios que buscam escalar o atendimento e impulsionar o crescimento de maneira sustentável, a melhor escolha é o WhatsApp Business API.

Diferente da solução Business em formato de aplicativo, que oferece recursos básicos como respostas automáticas simples e organização de conversas por etiquetas - ideal para micro e pequenos negócios -, a API Oficial foi desenvolvida para atender médias e grandes empresas. A ferramenta permite integração com sistemas de CRM, automação de marketing e plataformas de atendimento, viabilizando a gestão de múltiplos atendentes em um único número, a automação inteligente das mensagens e o envio de comunicações personalizadas em larga escala.

“A comunicação mudou e o consumidor é imediatista. Não basta mais apenas estar na plataforma, é preciso usar o canal de forma estratégica para gerar receita, recorrência e rentabilidade. E isso só é possível com o uso da API oficial, que garante escalabilidade e performance real nas operações”, destaca Marcos Guerra, CRO e CXO do Grupo Ótima



Digital, um dos maiores distribuidores de mensageria do Brasil, telecomunicações, CPaaS e IA proprietária, homologado pela Anatel e parceiro oficial da Meta no Brasil.

Além de permitir operações mais estáveis, sem depender de celulares físicos, o WhatsApp API oferece maior segurança ao conceder às empresas o selo de verificação oficial da Meta - o que aumenta a credibilidade junto aos consumidores. Outro diferencial é o acesso a relatórios detalhados de desempenho, que possibilitam análises de dados estratégicos para a melhoria contínua do atendimento e das ações comerciais.

Guerra ressalta que a solução vai além da função de atendimento e se consolida como uma ferramenta de crescimento acelerado para os negócios. “A API oficial do WhatsApp transforma

o canal em uma verdadeira máquina de vendas e relacionamento. A empresa que automatiza sua comunicação e integra dados de clientes ao atendimento não apenas melhora a experiência, mas também potencializa a conversão em todas as etapas da jornada. Ele é mais do que uma ferramenta de atendimento. É um motor de crescimento”, aponta o executivo.

Vale destacar que, a partir de 1º de julho de 2025, a Meta implementará uma atualização na estrutura do WhatsApp Business API. A principal mudança está relacionada ao modelo de cobrança das mensagens. Conteúdos de utilidade, autenticação e marketing passarão a ser tarifados por unidade enviada. Já as mensagens de serviço, aquelas iniciadas pelo próprio consumidor, como dúvidas, solicitações de suporte ou reclamações, continuam seguindo a regra da janela de 24 horas: a empresa pode interagir dentro desse período a partir do contato do usuário.

Segundo Fernanda Guedes, Product Manager do Grupo Ótima Digital, a mudança representa uma virada estratégica para as empresas. “Com a nova tarifação, cada mensagem enviada precisa ter um propósito claro. Use dados para segmentar, personalize a comunicação e invista em automações inteligentes. Isso é o que separa campanhas que convertem de conversas que se perdem”, afirma.

Na prática, o WhatsApp deixa de ser apenas um canal de atendimento e se consolida como uma plataforma de relacionamento e vendas. Ao integrar dados dos clientes, automatizar interações e personalizar a comunicação, as empresas aumentam suas chances de conversão em todas as etapas da jornada de compra.

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Novo aplicativo do FI Group promete simplificar gestão da Lei de TICs

@O FI Group, referência como consultoria multinacional de incentivos fiscais e financiamento à Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I), apresenta mais uma iniciativa de fomento à democratização do acesso a informações fiscais, a “Solução Digital Lei de TICs”, um aplicativo voltado para conhecimento e gestão da Lei de TICs (Leis 8.248, de 23/10/1991 e 13.696, de 26/12/2019). O lançamento traz consigo a robustez conquistada a partir dos desenvolvimentos anteriores das soluções digitais Lei do Bem e Financiamento. Esses processos permitiram que o aplicativo da Lei de TICs chegue aos usuários com tecnologias mais completas, estrutura de bancos de dados mais volumosa e otimização em métodos e processos, resultando em uma aplicação mais moderna, rápida e confiável (https://connect.fi-group.com/).

Faculdade Engenheiro Salvador Arena e SAP Abrem Portas no Mercado de Tecnologia

@O Faculdade Engenheiro Salvador Arena, instituição 100% gratuita mantida pela Fundação Salvador Arena, tornou-se a primeira faculdade do ABC a fazer parte, como membro, do Programa SAP University Alliances. Uma das iniciativas desta parceria visa treinar alunos para que tenham conhecimento prático em soluções empresariais de alta demanda, neste caso no sistema SAP, ampliando suas oportunidades de empregabilidade e formação profissional de excelência. O curso acontecerá em julho de 2025 e será oferecido a partir de seis módulos temáticos, permitindo que os alunos escolham a área que mais se conecta ao seu perfil e às tendências de empregabilidade. O curso será gratuito para 120 alunos dos cursos de Administração; Engenharias de Computação, Controle e Automação e Alimentos; curso técnico em informática (https://faculdaadesalvadorarena.org.br/).